



MARROCOS Reportagem afere pico de 107,9 dB em triunfo nos pênaltis da seleção africana contra os campeões de 2010

O som da glória marroquina

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

Doha — A reportagem do **Correio** usou um decibelímetro para aferir o som do jogo mais barulhento da Copa. Com média de 89,4 decibéis e picos de 107,9 na base do gógo da fanática torcida de Marrocos, o Estádio da Educação teve a acústica perfeita para a volta de uma seleção africana às quartas de final da Copa do Mundo. Depois de Camarões (1990), Senegal (2002) e Gana (2010), chegou a vez de Marrocos figurar entre os oito melhores. Após empate sem gols no tempo regulamentar e na prorrogação, a trupe de Hakimi, autor da última cobrança, e do goleiro Bono, protagonista de uma defesa, triunfou nos pênaltis por 3 x 0. O ídolo Hakimi decretou o triunfo na última cobrança.

A Espanha não enfrentava um ambiente tão hostil em uma competição oficial da Fifa desde a final da Copa das Confederações de 2013 contra o Brasil, no Maracanã. A imprensa e os torcedores desembarcavam na estação de metrô e no Estádio da Educação com a sensação de que estavam em Rabat, capital de Marrocos. Havia um mar vermelho e verde de gente em romaria rumo às arquibancadas. A intensidade aumentou no apito inicial da partida. Elétricos, os marroquinos sustentaram média de 89,4 decibéis de barulho na arena — o equivalente a um secador de cabelo ou um cortador de grama ligado por mais de 120 minutos no seu ouvido.

Fiel ao estilo, o técnico Luis Enrique organizou a Espanha no 4-3-3. Não abriu mão da posse de bola e tocava pacientemente à espera de uma brecha na defesa de um adversário programado para contra-atacar. A alternativa ofensiva de Marrocos era Boufal.

Jack Guez/AFP



Torcida do país africano incentivou bastante durante os 90 minutos e comemorou a inédita classificação às quartas de final da Copa do Mundo

“O sonho. Sempre falei isso aos meus jogadores. É preciso ter energia, amor. Com isso, ganhamos o jogo. Vamos descansar antes de pensar no próximo adversário”

Walid Regragui, técnico

O atacante bagunçava com o sistema defensivo espanhol com jogadores em cima do lateral-direito Llorente e do zagueiro Rodri.

Com chances desperdiçadas pelos dois lados, Espanha e Marrocos protagonizaram a segunda prorrogação seguida de penalidades máximas desta Copa do Mundo. Nos pênaltis, a Espanha lembrou o Brasil da Copa América de 2011 contra o Paraguai. Errou todas as cobranças. Marrocos desperdiçou uma, mas não frustrou a imensa torcida. Enquanto o estádio pulsava, os espanhóis se atiravam ao chão incrédulos com a segunda eliminação seguida

nos pênaltis. Em 2018, havia sido vítima da anfitriã Rússia. La Roja cai com derrotas consecutivas para Japão e Marrocos.

Aplausos

Primeiro técnico africano e árabe a alcançar as quartas de final da Copa do Mundo, Walid Regragui foi aplaudido mais de uma vez pelos jornalistas marroquinos na sala de conferência. Apesar do feito inédito, o treinador minimizou a conquista de almanaque. “A nacionalidade não importa. O passaporte não importa”, afirmou no raríssimo momento em falou sério.

Descontraído, o vice-campeão da Copa Africana de Nações em 2004 como jogador de Marrocos curtiu o momento.

Riu, brincou com repórteres e até se espreguiçou na cadeira após afirmar que não havia entendido uma pergunta em inglês porque estava cansado. O tema era sobre a quantidade de jogadores nascidos fora de Marrocos entre os heróis. “Nós tivemos problemas com isso no início, mas hoje eles patentearam que são todos marroquinos”, ponderou.

O técnico diz o que motivou Marrocos. “O sonho. Eu sempre falei isso para os meus jogadores. É preciso ter energia, amor.

Reprodução



Maioria no estádio, os torcedores de Marrocos deram show na partida histórica contra a Espanha. Pico de decibéis na cantoria foi de 107,9

PORTUGAL

Reserva de CR7 anota hat-trick

JOÃO VÍTOR MARQUES
Enviado especial

Lusail — Antes do jogo, os holofotes estavam em Cristiano Ronaldo, reserva pela primeira vez em Copas. Dezenas de fotógrafos se empilharam e direcionaram as câmeras aos suplentes. Quando a bola rolou, porém, as luzes se viraram todas para o substituto de CR7. Com três gols, o jovem Gonçalo Ramos, de 21 anos, comandou o show de Portugal na goleada por 6 x 1 sobre a Suíça, no Estádio Icônico de Lusail.

Pepe, Raphael Guerreiro e Rafael Leão (em bela jogada) também marcaram; Akanji diminuiu. A atuação convin-

cente, com repertório na criação de jogadas e solidez defensiva, levou os portugueses às quartas de final para enfrentar a surpresa Marrocos.

Antes do jogo, o técnico português Fernando Santos disse que a opção por deixar Cristiano Ronaldo no banco foi “estratégica” e nada tinha a ver com as reclamações do atacante ao ser substituído na partida anterior. “Não falamos disso no vestiário. Recebi apoio do Cristiano, nosso capitão”, disse Gonçalo Ramos, jovem do Benfica e artilheiro do Campeonato Português. Ontem, o garoto foi apresentado ao mundo ao se tornar o primeiro jogador a marcar três gols num mes-

mo jogo neste Mundial. “Nem nos meus melhores sonhos eu imaginava estrear numa fase eliminatória do Mundial com um hat-trick”, prosseguiu, antes de citar o próprio CR7, Lewandowski e Ibrahimovic como ídolos.

Quando a goleada já estava sacramentada, os mais de 83 mil torcedores que lotaram o palco da final da Copa clamaram pela entrada de Ronaldo. Em 20 minutos, o craque chegou a marcar um gol, invalidado por impedimento. “O importante é a equipe. Sabemos quem é o Cristiano, mas o técnico escolheu não o escalar. Vimos essa decisão com naturalidade e jogamos bem com ele também”, disse João Félix.

Jewel Samad/AFP



Gonçalo Ramos supriu bem a responsabilidade de substituir Cristiano Ronaldo. O jovem marcou três gols

Coluna do Mauro Beting



Pra cá de Marrakech

Fernando Santos não é o treinador ideal para Portugal. Mesmo campeão da Euro-16 e da primeira Nations League. Tem sido ainda menos dirigindo a geração mais rica em quantidade e qualidade dos tugas. Ao assinar a súmula dos escalados contra a melhor Suíça em Copas, parecia assinar a carta de demissão, deixando ao lado dele, no banco, o novo desafeto Cristiano Ronaldo.

Placar final: 6 x 1 Portugal. Três gols e uma assistência do substituto Gonçalo Ramos.

Não lembro em Copas apostas tão arriscadas e tão felizes de um treinador. Certamente melhor do que as minhas no bolão de casa. Escolha que tenha dado resposta mais rápida e que tenha virado tanto o jogo como Portugal.

Ou como a Espanha foi revirada diante do time que foi para lá de Marrakech. Espanha que poderia ganhar a Copa em 2023, pela juventude e potencial. Mas que não pode ficar criando mais perigo ao recuar a bola pro goleiro do que finalizar poucas vezes pra quem fica tanto com a bola.

Sinais

Petras fez 1 a 0 Tchecoslováquia. Estreia do Brasil em 1970. O atacante ajoelhou-se no gramado e fez o sinal da cruz. Não apenas como católico. Também por repúdio à violenta resposta do bloco soviético e do Pacto de Varsóvia à Primavera de Praga, dois anos antes. Não era só uma sempre respeitável manifestação de fé. Era um ato político de Petras contra um regime totalitário e ateu.

Gesto emulado na segunda etapa no gol de Jairzinho.

Celebrado “apenas” como um sinal religioso pelo Furacão da Copa no México.

Sinal da cruz e dos tempos. Tem como discutir a validade, respeitabilidade e humanidade das manifestações religiosas?

Jamais. Como não tem como coibir ou entender como desrespeito ou despeito a dança da vitória brasileira. Ainda mais quando ela brinca com o próprio Pombo. Não zoa outro povo. Não desrespeita um adversário. Não despeita uma camisa. Ele brinca com ele mesmo. E, se são muitos gols, que se celebre mesmo.

Vivemos dias deploráveis de intolerâncias e virulências.

De sommeliers de sentimentos até na imprensa: “não pode celebrar empate em clássico”!

“Não pode comemorar acesso de grande”! “Não pode se car adversário”! “Não pode vibrar por estadual”! É a turma que reclama de mimimi e que faz... mimimi do mimimi. Os bedéis de sentimentos alheios que não respeitam pessoas e dores e amores.

Estamos não apenas jogando na retransmissão em alguns casos. Estamos coibindo o gol. A alegria dele. E a felicidade pueril. Sem desrespeito. O juvenil encantamento como o de Weverton quando entrou em campo em Copa como se ele

estivesse estreado no terrão do Acre, com três calções para não se ralar todo.

Essa alegria dos melhores sonhos (aqueles que a gente não tem coragem de sonhar) não pode ser coibida. Como manifestações como a do senegalês Ismaila Sarr, que protestou com um gesto forte no usual descaso do mundo a respeito dos massacres e violências na África, como postou o mais do que necessário Observatório Racial do Futebol no Brasil.

Manifestação que passou batida. Como a própria questão. Mais um daqueles momentos em quem não se dá a bola devida ao mundo da bola.